

O adeus a Arnaldo Vieira de Carvalho

Guido Arturo Palomba

Em 5 de junho de 1920, desaparecia do jornada terreno Arnaldo Vieira de Carvalho, para entrar na galeria dos vultos aureolados, patrimônio da inteligência e da cultura brasileiras. Reformador, sábio, homem de bem, afirmou-se de maneira definitiva como reserva do mais puro idealismo construtivo. Sua obra é múltipla: fundador e 1.º diretor da então Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, também o primeiro lente catedrático de Ginecologia, emérito cirurgião, realizador da quinta gastrectomia no mundo, diretor do Instituto Vacinogênico, da Misericórdia paulistana, e muito, muito mais. Velhas e raras fotografias, gentilmente cedidas pelo ilustre médico, historiador e beletista, Duílio Crispim Farina, expressam o profundo pesar que cobrira a sociedade paulistana à época do passamento. O cortejo fúnebre saiu da sede da Faculdade de Medicina (à rua Brigadeiro Tobias) para a necrópole da Consolação. Presentes, entre a multidão tristonha, Washington Luiz, Rafael da Nova, Alberto Nupieri, Gastão Liberal Pinto. À frente do cortejo, o glorioso estandarte da Casa de Arnaldo.



Crônica de Boticas e Boticão

Duilio Crispim Farina

Ainda está para ser escrita a crônica exata e minudente, o evoluir da História de Boticas e Boticários, na saga eloquente da civilização do planalto de Piratininga.

Dados esparsos não nos permitem antever, aquilatar os vultos e obras daqueles que sedimentaram gestos e ações, testemunhos em prol do doente e do chagado pela mazela pertinaz e pelo morbo inclemente. A perquirição constante em alfarrábios e tomos amarelados pelo tempo faz emergir do passado, da noite do quase olvidado, marcantes figuras cujo porte entredemonstra e visualiza os contornos de obra tão pertinente, escrita em torno de cadinhos e almofarizes.

A sotaína jesuítica com triagas e várias receitas estabelece a farmacopéia brasileira: "só usavam desta, por ser a que nas ocasiões lhe obrava mais prontamente e com mais eficácia".

A pirataria reinante, Cavendish e Fenton, os navios de Dieppe e Saint Maló, as dificuldades de navegação contribuíram para a carência de drogas nos anos após o descobrimento, estendendo-se por muitas décadas. A contingência obrigou o jesuíta a ter abundante provisão de medicamentos e logo a procurar na terra os que ela podia dar, com suas plantas medicinais que começaram a estudar e utilizar em receitas próprias.

Exemplo frizante é o conjunto de receitas de Irmão Tristão. A união de tantas Bártiras com o luso e o alienígena teve no mameluco, denominador comum a imperar no gens e na conduta do novo homem do planalto. O espírito de independência, a altivez, a ousadia demonstrada em Entradas e Bandeiras, a resistência à intempérie, à fúria dos elementos da natureza, em parte, vêm do Ibérico, escritor da Reconquista ao Mouró, mas precipuamente do Guai-curú e do Timbira, do Guarianaz e doutros Tupuias e Tupis. Ramalho foi o tronco das enxertias de muito Calubi, de muito Cunhambebe e de outros principais do gentio.

A herança do conhecimento do valor das raízes e das ervas por eles

transmitidas enriqueceu a botica jesuítica, já falta dos ingredientes europeus. Os estabelecimentos da Companhia de Jesus em 1706, segundo testemunho do capitão Le Roux, passageiro de "L'Algie", fragata Real de Sua Majestade "El Rei de França", comprova que a botica do Colégio de São Sebastião do Rio de Janeiro era "soberba, bem organizada e provida de toda a espécie de drogas como nenhuma que se soubesse existir em França".

Fornecia a todas as demais da cidade.

Em São Paulo a botica era ampla e sediava-se junto ao Colégio. Seguiu-se em importância à Igreja com lugar preponderante junto à biblioteca e ao Salão dos Actos ou "Actos" ou "Aula Magna". Era constituída em geral por uma sala e uma oficina: a loja ou farmácia propriamente dita onde estavam os remédios à disposição do público, presidida por uma imagem que habitualmente, era de Nossa Senhora da Saúde ("Salus infirmorum"), e a oficina ou laboratório onde se fabricavam os medicamentos.

Documentos de real valia para estudo da Farmacologia no Brasil nos meados do século XVIII, é por certo a "Coleção de Várias Receitas", datada de 1766. O autor da coleção, padre ou irmão, não identificado, pertencia à assistência de Portugal, e estivera ou passara pelas suas diversas missões ultramarinas, incluindo o Brasil, uma das quatro partes do mundo em que vivera.

Ao tratar da "Triaga Brasileira", escreve que ela se aplica em várias doenças, mas sobretudo como antídoto ou contra-veneno "exceto corrosivos", e era tão famosa e exaltada em seu tempo "senão é melhor que a triaga da Europa". Referia-se às elaboradas em Roma e Veneza, boticas fundadas por Santo Inácio de Loyola, à testa das quais se encontravam o médico padre Baltazar de Torres, o irmão português Luis Quaresma e o japonês Bernardo de Cangoxina, trazido pelos lusos do Oriente e que veio a falecer em Coimbra.

Trocando fórmulas, os colégios de Evora, Macau, Goa, Lisboa (Santo António e São Roque), en-



José Luiz Faggiano

viavam e recebiam novas tizanas e mezinhas, incorporando-as às farmacopéias lusitana, francesa etc.

Os específicos das boticas do Brasil eram 62. Na Bahia 38, no Recife 7, no Rio de Janeiro 2. Fórmulas de caráter empírico, mas foram com o tempo se enfileirando nas prateleiras da arte galênica.

A quina e o tártaro emético delinearam períodos, etapas na farmacopéia; o uso do último não se fez sem grande oposição da Universidade de Paris. A pedra infernal, designação do nitrato de prata, cauterio comum dos cirurgiões, era um dos produtos do Brasil. Servia para se abrirem fontes, para exterminar verrugas, para consumir as carnes supérfluas e calosas das úlceras, para outros semelhantes efeitos. Avia-se para a lues e o escorbuto; para o sezonismo e tumores duros, não deixavam de haver apozemas para o histerismo e as apoplexias; para verrugas, lobinhos e cancores não malignos. Específicos para cada enfermidade: do peito, coração, desintérias, variolas - remédios que se apresentam, não com muita eficácia, mas úteis para hidropsia, in-

sônias e até mordeduras de víboras.

Mas, a tudo domina a Triaga Brasileira, antídoto ou panacéia composta, à imitação de Roma e Veneza, de várias plantas, raízes, ervas e drogas do Brasil, que a natureza dotou de tão excelentes virtudes, que cada uma, por si só, pode servir em lugar da Triaga da Europa.

Com ela "se curáo nos Brazis de qualquer peçonha e mordedura de animais venenosos ou também de várias enfermidades, só com o mastigá-las". Remédio milagroso, paracéia polivalente vale para lombrigas, "humor corrupto" que se gere nos intestinos, flatos, pontadas, vômito ou cólica. É útil para a peste e febres malignas, para sufocação da madre, acidentes uterinos, retenção de menstros, expelir as páreas e para fluxos demasiados e para dezenas de tantas outras sezões e opilações."

Começam a surgir práticas de verdadeiro nativismo, com remédios, drogas e simples cousas medicinais da terra. Sá e Faria refere a erva carapiá ou trigueirinho terrestre, singular antídoto contra as febres. Encontra-se na Tieté, bem co-

mo a salsaparilha. O caipó do campo, poderoso febrífugo era de eleição da gente paulista primitiva. A pimenta malagueta, o gengibre eram remédios heróicos, o mesmo acontecendo com o sacatrapo, terrível medicação retal de aplicação continuada nos pobres pretos e índios, principalmente "por viverem na torreia do sol e na umidade" segundo a fala saborosa do cronista.

De muito apreço a que provinha das raspas dos esporões das anhumas, antídoto de muitos tóxicos e amuleto, de tradição guianás.

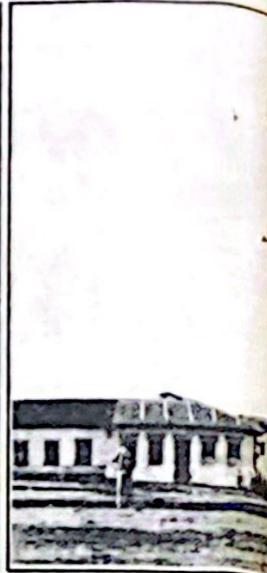
Da noite da história, dos primeiros dias dos séculos iniciantes, do antanho e de outrora surge a Companhia de Jesus e o Santo Anchieta, também físico, albeitar, enfermeiro a distribuir a ipeca, a cephalis ipecacanha; a dirimir febres, dores do peito, cólicas, dor de pedras; quanturas, boubas contagiantes, moléstias eruptivas, variolas devastadoras, corrupções pestilenciais, síndromes disenteríacas, os males dos membros secretos; os envenenamentos por mordeduras de víboras e doutros animais peçonhentos, sempre e sempre curando, amando, solidarizando-se...

Mais de trezentos anos, labor e esforços sem lindes, encontram no burgo de estudantes uma nova realidade.

A Misericórdia da rua Direita translada-se para a chácara dos Ingleses, na Glória; heranças de Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, de seu irmão Arouche Rendon e do Visconde de Congonhas do Campo, Lucas António Monteiro de Barros, novas práticas médicas e Justiniano de Melo Franco, João Batista Libero Badaró, Cândido Gonçalves Gomide, Joaquim Teobaldo Vasconcelos e Mariano do Amaral, mestre do primeiro curso de medicina e cirurgia, nas plagas brasileiras, no Pátio do Colégio, designios e interesse de França e Horta, responsável pela Capitania.

Em 1867, no largo do Palácio, 4, Cândido Ribeiro dos Santos, vende medicamentos avulsos, em caixas, em tintura e em glóbulos.

Antônio Gonçalves d'Araújo Pena, da arte de Haneman, como o pri-



meiro citado, à rua da Quitanda, 47 (antiga 53), exalta o valor do Opodeldoc de Guasco, encontrado em depósitos de vendagem no largo do Carmo e também em Brotas, Paralbuna e Santos. De aplicação tópica serve para afecções reumáticas e gotosas, nevralgias e queimaduras, tumores e contusões dolorosas.

Gaspar da Silva, em Campinas, envaidece-se por completo sortimento de objetos de escritório, papel, penas, tinta, livros de instrução, romances portugueses e da Europa, obras de ciência e religiosas, mas também oferece remédios do laboratório do Dr. Carlos Marquês, vice-cônsul de França nesta província. Atestam-lhe a eficácia o grande Cândido Borges Monteiro, Visconde de Itáúna e eminente cirurgião, o barão de Lagoas e José Rodrigues dos Santos, entre tantos.

Em 1878 a Farmácia e Drograria Castor à rua do Comércio 31, de Francisco Nicolau Baruel, antigo estabelecimento, em outros dias conhecido sob a firma de António Gomes do Rego Cabral, exalta as virtudes do Extrato líquido de salsaparilha (preparado antigamente pela firma Albuquerque e Granjo), e mais as do Elixir Paraense ou anti-tiasmático, licor anti-colubrial para mordeduras de qualquer cobra e outros animais venenosos, a porção antibáquica, pomada Belloc (contra os papos) e Xarope

os no Planalto de Piratininga



Jundiá, rua do Rosário, em 1864, ainda sem boticas

das Crianças, contra a coqueluche e outras tosses que aparecem na estação fria.

Tudo isso ao lado do sabão e pílulas sulfurosas das Caldas de Bagères de Luchon, tintura de Krapouloff, perfumista e químico de Paris e da corte do Czar de todas as Rússias, essencial para tingir cabelos de castanho escuro e preto natural, a acobertar vaidades provincianas. Ainda oferece Água de Beleza indiana aromática, pomada de Laurent, de muito apreço e importação de J. C. Chaigneau, rua do Ouvidor 55, fornecedor de condess e barões.

O Dr. Leopoldo Ramos, largo do Palácio 2, é depositário dos produtos químicos e farmacêuticos de James Epps & Cia, de Londres, emplastos e cerotos.

Em Sorocaba, em 1811, o Dr. Manoel Lavrador, médico e farmacêutico, à rua da Ponte 9, tem arsenal secreto para cura radical de enfermidades cutâneas e a cura completa da epilepsia ou mal da gota e moléstias escusas.

A Casa Garraux, com os sucessores Fischer, Fernando & Comp. representa os remédios do Dr. Sabino, de fama conhecida, bem como salsas, carobas e manacás medicinais. A "tauba de Sabyra", salvação dos morféticos (sic), conhecimento miraculoso advindo da entrada de João José de Ribeiro de Escobar "pelas virgíneas e frondosas

matas do Avanhandava" que o levou à morada do cacique Sabira.

Aprovada pela Exma. Junta de Higiene Pública do Rio de Janeiro e autorizada pelo Governo Imperial, remédio dos indios, extrato fluido, cujo depositário nesta Paulicéia é Lebre & Sampaio.

Em 1885 existiam nesta capital somente seis farmácias. As de Joaquim Pires de Albuquerque Jordão (Rua do Comércio), Júlio Lehmann (largo do Palácio), Luiz Maria da Paixão (no Hospital da Misericórdia), Manoel Rodrigues da Fonseca Rosa (Rua do Ouvidor), Antônio José de Oliveira (Rua Direita) e Gustavo Schaumann (Rua São Bento).

"A farmácia fundada por este último, era a tradicional Botica "Ao Veado de Ouro", que subsiste até nossos dias em uma trajetória de benevolência e de altos serviços prestados à coletividade, em gerações sucessivas.

Cinquenta anos antes, o solar do boticário Lúcio Manoel Felix dos Santos Campelo, no Piques, era um dos mais belos da cidade. Ombreava com aqueles do Barão de Itapetininga (o cadete Joaquim José dos Santos Silva), e os de não menores confortos como os da Marquesa de Santos, no Carmo, do Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, na rua Alegre; e com aquele que pertencia ao tenente-general José Arouche de Toledo Rendon, na chácara

do Arouche...

Os paulistanos matavam o tédio das horas monótonas e sensaboronas comentando os acontecimentos sociais na "Botica do Lúcio" ou "matando prosa", na de Dionísio Areopagita da Mota, filho do também boticário Vicente Pires da Mota, preceptor do reverendo padre Vicente, mais tarde conselheiro Pires da Mota.

No interior da província, em velhos chãos paulistas, ou em ainda bocas de sertão assiste-se ao desvelo de boticários como aquele Assis em Amparo, mais precisamente Francisco de Assis Prado, autorizado a manter botica, pagando licença de 4\$000, no ano financeiro de 1864/65.

Desde o ano de 1852 outra botica de José Felício Freire, vulgo Cadete, que também exercia a medicina, vendia poções. Freire intitulava-se médico e assim era tolerado. Em Amparo, não eram poucas as boticas. Germano Huser requeria licença simultaneamente com Assis Prado, e todos tinham farta messe de produtos "oficinais" tais como a água antisifilítica de Dr. Teodoro Reichert, 1857, Grânulos e Xaropes d'Hydrocotyle asiática, de J. Lepine, 1862, Xarope de Labelonye e Pílulas Dehaut, 1863, etc.

Escalares ascendentes, panorâmica da Província de São Paulo onde vai se engastar o lar do pro-

genitor de Cândido Fontoura, marco de um instante primaz da farmácia e da indústria de medicamentos nesta Paulicéia, ainda romanesca e bela, não de toda desvalhada. Nascido a 14 de maio de 1885, na tradicional cidade de Bragança Paulista, perdeu seu pai Gabriel Silveira de Vasconcelos, quando tinha apenas 18 dias de vida, e graças aos esforços de sua mãe, dona Francisca Galvão da Fontoura conseguiu estudar, diplomando-se em farmácia em 1905. O progenitor, boticário com licença imperial, na Farmácia Popular, praça da Matriz, Bragança inicia crônica de trabalho que vai eclodir com os frutos sazonados, vida e obra deste vulto maior de Piratininga, com as decorrências que todos conhecem.

Farmacêutico, lidador incansável contra as mazelas brasileiras, fome e doença, criador do "Biotônico", simbolismo do medicamento brasileiro, obreiro de uma indústria de escol, Mecenas, benemérito das causas justas e oportunas, pai e chefe, humano, desativado das glórias terrenas, Cândido Fontoura penetra no tempo com as decorrências integras das virtudes que acrisolaram sua existência fecunda, digna de ser vivida.

Guido Palomba, também incansável perquiridor de nosso passado, forneceu valiosos dados a propósito das boticas de Jundiá. A primeira Santa Casa da região seria de 1885, ação do coronel Lemos da Fonseca. Desconhece-se a existência de Boticas e Boticários até o ano de 1900, segundo informes colhidos no Museu Histórico e Cultural de Jundiá. No livro "Jundiá Através de Documentos" (de Mário Mazzuia) pode-se deprender pela não existência de farmacêuticos diplomados na estação de Rocinha (hoje Vinhedo), nem mesmo num perímetro de seis quilômetros dessa povoação.

No início deste século, três farmácias de Jundiá merecem ser mencionadas pelos bons serviços que prestaram à população. Uma é a da Sociedade Beneficente que dava atendimento médico-farmacêutico aos funcionários da Companhia Paulista de Estrada

de Ferro. Lá trabalhavam, como manipuladores de fórmulas, os senhores Lamanares, Benedito de Godoy Ferraz, Francisco Albuquerque Cavalcante. Em 3 de julho de 1923 foi levado a farmacêutico-chefe dessa entidade o senhor Firmino de Campos, nomeado pelo senhor José Adrião Cascalho Jr., secretário do Conselho da Companhia Paulista. Documentos históricos encontram-se em poder da família Bochino.

Outra é a farmácia funcionante na Casa de Caridade São Vicente de Paulo. Um dos fundadores foi Zacarias de Góes (1902). Nesta farmácia trabalharam, como manipuladores de fórmulas, Alberto Pereira, João Benedito Martins, Otávio Pupo, Manuel Anibal Marcondes e José Luiz Faggiano. Este último (avô de Guido Palomba, psiquiatra forense e escritor) lá labutou de 1906 a 1912, mais ou menos. Era filho de Antônio Faggiano e de Luiza Faggiano, nascido em Pádua, aos 12 de agosto de 1880.

Finalmente, outra farmácia a merecer lembrança é a do senhor João Maria Gonzaga de Lacerda, prefeito de Jundiá (1904). Sua farmácia vem da primeira década do século, alhores da Farmácia Lacerda que ainda hoje existiria. Curioso é o Formulário da "Farmácia" onde trabalhou José Luiz Faggiano (na Casa de Caridade São Vicente de Paulo), não faltando as "águas phagidénica, clorofórmica, gazoza purgativa, de Labarraque, de Viennenses Ingleza; cozimento branco de Sydenham; emulsão creosotada; elixir de Noz de Kola; extrato de balsamo do Perú; essência de Salsaparrilha; pílulas de Podophyllina; elixir paregórico; pílulas contra canceroterino Dr. Torres Homem; poção de ipéca; xarope Gibert; solução contra as sardas (incluindo leite virginal); vinho de jorubeba; listerina (dentífrico)", etc, etc.

Em 1878 ainda havia diminuto número de médicos em todos os quadrantes da província de São Paulo. Com zonas inexploradas ou "terrenos desconhecidos", habitados pelos silvícolas, era necessário acudir com ensinamentos aos

fazendeiros, atalalas do progresso nas bocas do sertão. Assim o "Almanache Litterario", de São Paulo, publicado por José Maria Lisboa, em seu quarto ano (1878) publicava um "guta médico ou Resumo de Indicações Practicas", para servir aos senhores fazendeiros na falta de profissionais, de autoria do dr. Luiz Pereira Barreto. Em adendo uma lista de remédios mais usuais, que deviam ter em casa os moradores de sítios e fazendas. Entre 28 substâncias medicamentosas podem-se encontrar alumen, calomelanos, cânfora, cloral, centeio espigado, poaia, tartaro emético, sulfato de quinina, etc, etc.

Orientação do sábio Pereira Barreto com úteis informes e esclarecimentos. Preconizava-se o trato de apoplexias cerebrais (com seis sanguesugas e águas de Carlsbad e Friedrichs hall), eclampcias (xarope de H. Mure), mordedura de cão danado (cauterização com a pedra infernal), sarnas (óleo d'amendoas e terrebentina) e assim por diante...

A partir do último decênio do século passado, com a vigorosa imigração itálica, surgem farmacêuticos oriundos da terra de Dante e Petrarca, e suas boticas: Farmácia Italiana (rua Álvares Penteado), Farmácia do Tesouro na rua de mesmo nome (do farmacêutico De Cristini), e aquelas de Emipo e Giacomo De Mattia, e os estabelecimentos dos irmãos Amaranente, do velho Baruel e do já citado Henrique Schaumann. A opoterapia e a soroterapia têm sua égide com a distribuição dos produtos do Instituto Soroterápico de Milão, pela Novoterapia, desde os anos dez, com os De Mattia, José (Nino) Poli, Manoel Lopes de Oliveira Filho, Jerônimo Farina, e tantos obreiros, com labores ininterruptos, pelos decênios vindouros. Época também dos produtos dos laboratórios Granado, Silva Araújo, Laborerápica (de J. Pires de Oliveira Dias), Zambelletti, Baldassari, Torres, Edmundo Xavier e da saudosa e venerada dona Anita Tibiriciá. Rememranças de boticas, boticários, almo-farizes, sinapismos, emplastos e unguentos, de um tempo ultrapassado e já extinto.

Saga

* Francisco Assis de Sousa Lima

"Não vejo os traços. Vejo sob o lampião amarelo, o choque de homens ou sombras e essa vibora, a faca."

(Gorge Luis Borges - Milonga de Jacinto Chiclana)

I

Rascar na lâmina da faca
O nome incorruptível
De inominado valente
E dançar nos sete palmos
Onde plantado descansa
Aquele que verteu sangue
Depois da luta inconsútil.

Pelos meandros da noite
A morte gritara um nome.
Por certo não era o dele.
Mas quem na curva do gume
De incendiada peixeira
Repugna o apelo temível

De abismo que então lhe
cruza?

Não era por certo o dele.
Mas gelara em surdo peito
O silvo azul da serpente.
Ferrugem de ferro cru
Na boca se estagnara.
Mais falsamente o destino
A seu fim metais dobrara.

Cru engano, essa semente
Que acaso, sorte e cilada
Desesperada escondeu.
Traz culpa o valente exangue
Pela noite ensandecido
Sabendo não ter motivos
O crime que lhe escolheu?

II

O plano mal percebido
A feia noite traçara.
Primeiro golpe certo
Aranchou-se impressentido
Como desejo incoitado
De na noite traiçoira
Da serra ganhar a estrada.

Aquele que ser valente
Jamais ousara algum dia
Deixou a casa em silêncio.
Armou na bainha a faca.
Esfriou no lábio o riso.
E depois de olhar o filho
Vagou sozinho à calçada.

Ninguém soube aonde iria
E a mãe, perguntar não pôde.
O rosto irreconhecível
Que em luto se desnudava
Cobria-se do mistério
Com que a morte enganadora
Vestira ao revés a vida.

Ninguém soube aonde foi.
No que a vista acompanhou
Do vulto à noite tragado



É que em lugar do caminho
Que encruzilhava à cidade
Sumiu na estrada que além
Alcança a Cova da Noite.

III

É uma senda que ao sol
Transforma-se inofensiva.
Que à noite, à hora das
almas,

Atrai caiporas, sacis,
Feras de sombra, e altares
Onde os ancestrais finados
Rezam surdos bacanais.

Onde pedradas se ouvem
Sobre telhados sem casa.
De onde ao longe se avista
No arco da noite exata
Abstrata baraúna
Em remotos tempos ninho
De espíritos mal-assombrados.
E à serra a estrada conduz.
Sítios reluzem ao sopé
Em vagalumes e fátuos
Fogos que a três pés levitam.

Corujas de perto espiam
Rasga-mortilhas que cortam
Na escudão roucas vestes.

Açotam ventos que o leste
Em relâmpagos disfarça.
Até à cruz implantada
Que transforma as oferendas
De velas, flores e jarros
Em pedras de dura mágoa
O vulto foi visto estar.

Fatal destino lhe lança
O desafio talvez:
Um passo além dessa cruz
Representa a sorte insana
De não recuar caminho
Que a partir dali descamba
Para a serra inevitável.

IV

Capricho ou dor o tangiam?
Quem um só lhe adivinhara
Entrevisto um pensamento?
Quem na erma serrania
Poderia olhar se a face
Transia dor ou vingança
De imaginário inimigo?

Faria a simples consulta
Aos segredos saturnais
Da natureza do sangue?
Ou só tristeza vadia
Dentro de si latejava
Como dor que nem se sabe
Se é dor da própria incerteza?

A que atende um coração
Solitário em plena noite?
Deixa-se intadir da sombra
Que a pagã noite lhe envia?
Palpita alheio ao gemido
Da treva altercando a luz
Ou geme também com ela?

De tanto pouco se viu.
Só no rosto estremece

De quem a olhá-lo chorou
Quando vagava à calçada
Um certo sentido oculo
Podia-se adivinhar
De víuvez. Nada mais.

Se esse rosto de mulher
Foi lua ou presentimento
Na foz da noite inquieta
Se foi gemido, destino,
Se foi lembrança do filho
Se esquecimento, ou vergonha,
A noite não quis dizer.

O ser não doma a corrente
Contrária ao caudal das veias
Com que bruta a natureza
Ofende da mão a faca.
Nem varre do ódio o grito:
Flecha mortal da garganta
De potências inimigas

V

Na serra clarão não há.
Da serra nem céu se vê.
No ar fechado da mata
Fecha-se o mundo também.
Sentir-se só neste mundo
É viver num só segundo
As horas que o eterno tem.

Inteira a noite vencida
Declinou apaziguada
De rubra nesga de aurora.
Da jornada esmaecida
Retornou quase impassível

Sereno sobrevivente
De algum solução intangível.

Nos dias que se seguiram
Sem que nada se dissesse
Da noite irremediável
O mesmo corpo tornava
A dormir noites sem queixa
Como se o pacto com a Noite
Houvesse a noite escondido.

VI

Na legião dos mortos
A Noite escolhe os seus filhos:
Arma o ferro, em fogo o atica,
Dana o sinal, ferve a carne,
Lancina a alma, assinala
O animal predestinado
A morrer em meio à vida.

Como se ainda restasse
À Noite mais tirania
Reluz em tardes sangrentas
Das mais belas que o sol viu

O encontro determinado
Dos que loucos também trazem
O sinal que os distinguiu.

VII

E assim foi que a faca inerme
Inda à cintura esculpida
Rebrihou na carne acesa.
Dele a arma conheceu
Nas armas ágeis e amigas
A mesma morte estampada
Na mesma noite indormida

E afiadas se cruzaram
Como tmãs que se falscam
E se devoram. Vertigem.
(Na manhã que se seguiu
Em nuvem precipitada
Gotejou em sangue a chuva
A ressalgar todo o pranto).

* Poesia premiada com o prêmio Cidade de Recife, em concurso promovido pela Secretaria Municipal de Recife. O autor é psiquiatra.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Anneliese R. F. Thon }
Carlos Kleber Canova } Tertúlia

Cássio Ravaglia - Divulgação
Guido Arturo Palomba - Biblioteca e Suplemento Cultural
Heber Maia de Mattos - Música

Nélson Pedral Sampaio }
Wanda Gonda } Pinacoteca